

CONVERSÃO SOCIALISTA: ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE O MARXISMO COMO UMA RELIGIÃO SECULAR¹

SOCIALIST CONVERSION: SOME ASSUMPTIONS ABOUT MARXISM SEEN AS AN
SECULAR RELIGION

Matheus Oliva Costa²

Resumo: Partindo da obra de Bailey (2009) e do estudo de Camurça (1998), será abordada aqui a dimensão simbólica da cultura marxista, chamada aqui de religião implícita ou secular. Tendo isso em vista, será utilizado do conceito psicossociológico de conversão religiosa para observar se a adesão ao marxismo pode ser interpretada como uma conversão. Para tanto, levantou-se o discurso êmico ou interno dos marxistas sobre a adesão ao marxismo. Bem como, foram expostos alguns relatos de marxistas em *websites*, onde estes atores sociais narraram sua própria adesão ao marxismo. Além de uma tipologia dos discursos sobre adesão à tradição marxista, levantamos também algumas hipóteses sobre a importância dos elementos metaempíricos para a entrada e manutenção da vivência socialista. As hipóteses levantadas sobre os elementos simbólicos presentes na adesão e vivência socialista apontam para a possível existência do processo de conversão ao marxismo, assim como ocorre nas conversões às religiões. Isso ajuda sustentar a noção de que o marxismo/socialismo pode ser vivido como uma religião secular.

Palavras-chave: religião implícita; conversão; marxistas; metaempírico; ateísmo

Abstract: Thinking from Bailey's work (2009) and Camurça's study (1998), this article addresses the symbolic dimension of the Marxist culture, here called implicit or secular religion. With this in view, we will use the psycho-sociological concept of religious conversion to observe that the adherence to Marxism can be interpreted as a conversion. Therefore, the emic or internal discourse of Marxists on adherence to Marxism is put in evidence. Also, we exposed some Marxist accounts on websites where these social actors narrate their own adherence to Marxism. In addition to a typology of discourses on accession to the Marxist tradition, we also raised some hypotheses about the importance of meta-empirical elements for the entry and maintenance of the socialist experience. The hypotheses suggested about the symbolic elements present in the adhesion and socialist experience point to the possible existence of a Marxism conversion process, as occurs in conversions to religions. This helps support the notion that Marxism/socialism can be experienced as a secular religion.

Keywords: implicit religion; conversion; Marxists; meta-empirical; atheism

¹ Agradeço a Eduardo Cruz pelas aulas sobre Religião Implícita e pelos primeiros comentários. Agradeço aos comentários de Fabio L. Stern e Fernando G. Testa. Agradeço ao professor Frank Usarski que disponibilizou vários dos textos usados aqui. Agradeço também os comentários preliminares do professor Rogeres Gusmão. Qualquer equívoco ou falta é de minha responsabilidade.

² Mestre em Ciência da Religião pela PUC-SP. matheusskt@hotmail.com

Introdução

Uma vez que o assunto aqui estudado se encontra em uma nebulosa e com ausência de clareza, é importante fazer alguns esclarecimentos: este trabalho *não* é um ataque à tradição socialista nem aos socialistas; tampouco uma defesa destes; da mesma forma, aqui *não* se defende a posição demasiadamente simplista de equalizar o socialismo e/ou marxismo a uma religião propriamente dita, como vista por alguns sociólogos ou teólogos, como Wilges (1993).

Trata-se de uma contribuição para a compreensão dos temas aqui tratados, em especial: (1) categoria *religião implícita* e termos afins, (2) noção de conversão e desconversão, (3) e sobre a natureza dos grupos marxistas. Primordialmente, a ideia era ter como objeto específico de pesquisa um grupo particular de brasileiros marxistas. Contudo, após várias tentativas frustradas, onde grupos como o PSTU, CA's de universidades e movimentos sociais simplesmente não retornaram os questionários, optou-se aqui por um caminho alternativo. Optei, então, utilizar de dados que já estão disponíveis em *websites*, através da busca do *website Google* por relatos de entrada (conversão) no marxismo. Também serão usadas, como exemplos, adicionais falas públicas de alguns socialistas. Diante disso, percebi ser mais coerente e modesto nos limitar a apontar algumas hipóteses sobre assunto.

Marxismo como religião implícita

O sociólogo Rodney Stark (2003) sistematizou uma interessante distinção entre movimentos religiosos e movimentos sociais em geral, como movimentos políticos. Vejamos sua linha de raciocínio. Primeiramente, Stark (2003, p. 260, tradução minha) definiu *religião* como “qualquer sistema de crenças e práticas interessadas com um sentido último e que pressupõe a existência do sobrenatural”³. Com essa definição, os *movimentos religiosos* são vistos como empresas sociais com o objetivo central de criar, manter e fornecer religião a um conjunto de indivíduos (*idem*).

Stark (2003) acredita que tais definições distinguem religião de movimentos sociais seculares. E o principal motivo é o apelo ou não às questões metaempíricas – que para este autor é um sinônimo de realidade sobrenatural. Ou seja, movimentos religiosos podem tratar de elementos não verificáveis empiricamente, como um paraíso pós-morte, o carma ou a existência de

³ No original: “‘Religion’ refers to any system of beliefs and practices concerned with ultimate meaning and which assumes the existence of the supernatural”.

divindades, tudo isso visto como realidades metaempíricas. Dificilmente alguém pode provar que carma ou um paraíso não existam, logo, não podem falhar diante da observação empírica humana. Contudo, a promessa de vida física eterna ou um paraíso na terra podem falhar aos olhos de alguma comunidade. Segundo Stark (2003), os movimentos sociais políticos, por exemplo, tratam, principalmente – ou até exclusivamente, – de assuntos verificáveis empiricamente, como moradias, salários e eleições.

A partir de uma leitura sociológica diferente de Stark (2003), Edward Bailey (2009), a partir de uma publicação em 1983, criou o termo *religião implícita*. Partindo do próprio Bailey (2009) e das reflexões de Alnaldo Nesti (2005), entendo aqui religião implícita como qualquer manifestação cultural humana que não seja explicitamente religiosa, mas que tenha, implicitamente, elementos religiosos ou que funcione de forma semelhante às religiões.

Sobre a presença implícita de elementos religiosos, basta lembrarem fenômenos como artes marciais, culinária ou artes plásticas – entre outros exemplos – que guardam ideias ou símbolos que expressem noções religiosas, ou seja, que envolvam interesse em sentidos últimos ou realidades metaempíricas. Já sobre fenômenos que funcionam como religião, podemos nos lembrar das efervescências e êxtases presentes em comícios políticos⁴ ou jogos de futebol. E não é preciso pensar somente em situações mais socialmente efusivas, mas também em situações mais cotidianas. Bailey (2009, p. 807), sabiamente, notou que a noção de fazer algo *religiosamente* tem raízes históricas nas práticas frequentes de monastérios cristãos. Este termo pode ser aplicado em qualquer ato realizado constantemente, mas carrega um significado de algo muito importante à pessoa que o realiza, sendo o oposto de algo trivial ou profano. Por exemplo, a frase ‘ele toma seu chá religiosamente’, diz, exatamente, a importância e frequência do ato feito.

Dessa forma, é possível encontrar a expressão de uma religião implícita em todo tipo de fatos sociais. Bailey (2009) também chama a atenção para as diversas camadas psicológicas que a prática e/ou uso de uma religião implícita pode ter, tendo muitas variações e importâncias. Também é bem conhecida a antiga tese de Durkheim (1996) sobre a derivação de todos os outros fatos sociais a partir das religiões. Por outro lado, existem grupos e instituições sociais que não são propriamente religiosos, como parentescos, mercado ou política. A partir do que foi chamado de modernidade, e, paralelamente à própria criação da concepção moderna de religião, alguns

⁴ Dentro da tradição sociológica durkheimiana é notável a percepção da semelhança entre rituais religiosos comunitários e outros tipos de reuniões sociais. O próprio Durkheim (1996, p. 473) comparou uma assembleia política civil com a natureza dos ritos religiosos.

movimentos e instituições sociais tem reclamado a sua distância das religiões, sendo geralmente (auto)classificados como *seculares*.

Consideramos que seja, também, o caso do marxismo. Neste trabalho entendemos por *marxismo* a tradição de pensamento e de militância política que tem como fundamento as ideias e textos de Karl Marx (1818-1883). Bem como por *marxistas* entendemos serem atores sociais que seguem e praticam o marxismo. Sobre isso frisamos desde já duas questões.

Primeiramente, os movimentos iluministas, em geral, apresentam fortes tensões com as religiões, e mais precisamente com o Cristianismo. Isso é aplicado ao marxismo, que, talvez, seja o movimento de origem iluminista europeu que mais se posicionou contra – ou pelo menos não tão cordialmente com – as religiões. Assim, o marxismo e seus seguidores historicamente tentam se afastar de qualquer possibilidade da qualificação de *religiosos*, ou associações com religiões, ainda que existam exceções e eventuais hibridismos, como no caso da Teologia da Libertação.

Ainda dentro dessa postura de aversão à(s) religião(ões), há a ligação com o ateísmo. Apesar de periférico no sistema marxista, a associação ao ateísmo é recorrente, e é um ponto que interessa no estudo científico das religiões. Por *ateísmo* compreendemos a posição pessoal de entendimento ou ausência de crença na existência de deus(es/as) (BULLIVANT, 2013). No que concerne ao marxismo, a crítica social sobre religiões – leia-se, quase exclusivamente, Cristianismo e Judaísmo – pode desembocar numa posição pessoal de ateísmo (THOMPSON, 2013).

Mais especificamente, em países de tradição secularista, como os países que foram ou são socialistas, é comum encontrar não-teístas. Diferente de uma posição de negação (*a-teísmo*), apresentam uma falta de desejo de participar ou crer em religiões e deuses/as (HOOD JR; CHEN, 2013, p. 541). Hood Jr e Chen (2013, p. 540) identificam, ainda, dois tipos de posturas ateias: positivas, em que a rejeição da existência de deus(es/as) surge como uma forma alternativa de visão de mundo; e negativas: ausência de crença ou sentimento de existência de deus(es/as), podendo ser chamados de agnósticos. Enquanto ativistas, incluindo marxistas, seriam do tipo *positivo*, a população de países secularistas tende a ser mais o tipo *negativo*. Presume-se, então, que em países de governo não-socialistas, os marxistas ateus se encaixariam no ‘ateísmo positivo’, havendo, talvez, uma substituição da participação e fé religiosa pela participação e “fé” no marxismo.

Segundo, apesar do primeiro ponto, também é bem conhecida na literatura acadêmica a associação entre ideias e práticas marxistas com ideias e práticas religiosas. Vamos explorar sucintamente este ponto. Lançando mão dos diversos termos próximo e/ou equivalentes à religião

implícita, alguns autores classificaram o marxismo como uma “pararreligião” (Benthall, 2008), “religião secular” (GREIL, 1996), “religião política” (SIRONNEAU, na leitura de Horacio, 2011), ou “religião civil” (GINER, 1993). Em geral, estes autores tratam de governos autodenominados marxistas e suas expressões que, segundo eles, se aproximam de ações religiosas: culto a heróis, sacralização da vida proletária, sacralização do partido, leituras canonizadas e feitas religiosamente, entre outras questões.

Além do aspecto prático, a dimensão das crenças ou cosmovisão também tem características interessantes, se tratando do marxismo. No caso do estado comunista chinês, o cientista da religião Poceski (2013, p. 320) chega a dizer que o culto a Mao Zedong (Mao Tse Tung) chegou a competir espaço com outras expressões religiosas, e ele até foi incluído no panteão popular chinês. Apolloni e Chiang (2011) mostraram como nas propagandas visuais oficiais do partido comunista chinês há elementos imagéticos e simbólicos de fundo religioso. Sironneau (1985, p. 268) mostra também, numa dimensão propriamente mítica, como o marxismo utiliza de uma linguagem secular para expressar uma “esperança milenarista” – de origem judaico-cristã.

Tendo em vista tudo que foi sinteticamente dito acima, neste trabalho farei uma leitura dos grupos marxistas a partir da lente teórica da noção de religião implícita. Isso não quer dizer que o marxista se resume a algo parecido com religiões, mas, apenas, que há também estes elementos implicitamente religiosos na vivência do marxismo. Escolhi realizar essa leitura com um recorte específico de uma possível conversão ao marxismo, utilizando do conceito de *conversão religiosa* psicossociológico às narrativas de marxistas.

Assim, busco as motivações para os atores sociais terem aderido a essa cosmovisão e ethos. Ou seja, se a cultura marxista pode funcionar enquanto uma religião implícita deve haver alguma transição forte, ainda que gradual, e dessa forma, uma conversão ao marxismo. Em poucas palavras, aqui será feito um exercício interpretativo da cultura marxista tal como proposto por Camurça (1998), buscando entender se há ou não conversão ao marxismo, e de que forma ocorre.

A fé marxista

Parece claro que o marxismo, além de ideologia e/ou corrente de pensamento, também é um sistema cultural. Sustento tal posição calçado com textos acadêmicos brasileiros que tratam do que é chamado de *cultura marxista* (S/ autor, 1983; e CAMURÇA, 1998). Ou seja, quem é marxista não apenas lê obras dessa corrente e tem posições políticas específicas, mas participa de um meio

comum, normalmente um partido ou movimento social.

Nesse grupo social distinto, pode haver roupas, gestos corporais, palavras, festas, símbolos e uma série de elementos que são significados das formas mais simbólicas possíveis, para além de mera concordância intelectual. Ser marxista, então, seria a participação e compartilhamento de toda uma rede cultural marxista com símbolos, práticas e um ethos específico.

Isso poderia implicar, inclusive, no abandono ou hibridação com o universo simbólico da religião do aderente ao marxismo. Lembremos de dois tipos sociais que podem ser encontrados no Brasil: por um lado, o marxista que adere à crítica às religiões na forma de um *ateísmo positivo* (HOOD JR, CHEN, 2013) e que investe seu tempo em atividades de militância política, trocando símbolos (normalmente cristãos, como a cruz, por símbolos marxistas como a foice e martelo); por outro lado, temos também os cristãos que aderiram à visão política marxista, gerando hibridismos entre os dois universos simbólicos que são justapostos conforme condições específicas.

Extraio das leituras a interpretação de que há formas de sociabilidades marxistas mais ou menos comuns e altamente simbolizadas, e, por isso mesmo, complexa. Dentro dessa perspectiva, acredito que o elemento constitutivo do ator social que se afirma socialista é sua fé. Um exemplo pode ilustrar o que quero dizer: em uma palestra na universidade PUC-SP (26/3/2014), a professora de economia da universidade de Havana, em Cuba, Olga Pérez Soto, chegou a falar que ela acreditava no socialismo porque tinha fé em um mundo melhor, mais justo, e sem opressão. Assim, essa é uma fé na possibilidade de uma sociedade mais justa, mais igualitária, e sem qualquer forma de opressão. E isso se dá em termos abstratos, já que tal sociedade é imaginada e desejada, mas nunca foi vista ou relatada.

No mesmo sentido, em meio à corrida eleitoral para presidência do Brasil em 2014, a candidata do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Luciana Genro, afirmou uma posição próxima do relato acima. Em uma entrevista em um *talk show* do apresentador Danilo Gentili em 15/09/2014⁵ ocorreu a seguinte situação: o músico de posição política conservadora, Roger, da banda Ultraje a Rigor, fez uma pergunta provocativa sobre a filiação de Genro à “ideologia” socialista/comunista, “ideologia” que segundo ele matou milhões de pessoas. A candidata do PSOL disse que essas experiências citadas por Roger não foram socialistas, mas “stalinistas” e com uma leitura distorcida do Socialismo. Ainda acrescentou que “na prática, a gente não viu nenhum regime socialista realmente acontecer”. Roger respondeu que isso era “utópico”. Dando continuidade ao

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=PBXcEe4KURM>

assunto, Genro disse:

E eu sou utópica, viu? Eu gosto dessa palavra: utopia. Eu acho que a utopia concreta são as possibilidades reais – que estão latentes na realidade – mas que ainda não se realizaram. E a gente tem que acreditar nas utopias, porque se não a gente vai sempre se conformar com o presente tal como ele é. Nós precisamos lutar para que as utopias se realizem, lutar pelos sonhos, para que eles se tornem realidades⁶.

Da mesma forma, poderíamos citar muitos outros exemplos de discursos de marxistas que se posicionam nesse sentido. Vejo, então, que essa fé em uma realidade imaginária que é fortemente desejada é um constituinte básico para os marxistas. Todavia, o que não é claro é como ocorre a passagem (conversão) para essa fé. Considerando o marxismo como um sistema cultural, e, portanto, podendo expressar-se como uma religião implícita, a entrada nessa cultura apresenta características de uma conversão religiosa? Da mesma forma, uma vez crente em tal fé, como o socialista se comporta enquanto ser social que tem uma cosmovisão singular após sua conversão (em relação ao momento anterior)? Para responder vamos recorrer a discussão consensual e recente sobre o termo conversão para a Psicologia Social. Mas, antes de adentrar numa discussão teórica, *ética*, da conversão ao marxismo, é relevante saber como os próprios atores sociais marxistas tratam a questão.

Estado da arte: conversão ao marxismo

Primeiramente, é interessante entender como os próprios marxistas concebem a entrada no marxismo, ou seja, a visão *êmica* de conversão e/ou adesão nessa tradição. Observando alguns textos sobre biografias de ícones do marxismo, pude reparar que o uso do termo *conversão* para designar a entrada na cultura marxista não é algo novo. O termo foi aplicado a muitos intelectuais marxistas, seja para designar simplesmente uma adesão a essa forma de pensamento e militância, seja como uma metáfora pejorativa a algum tipo de “fé cega”: André Gorz (SILVA, 2002, p. 42) e Luís Carlos Prestes⁷, no primeiro caso, e Georg Lukács⁸, no último caso.

Da mesma forma, alguns marxistas usam o termo conversão sem se referir a uma personalidade específica. O pensador marxista Evald Vasilievich Ilienkov (1965)⁹, em um texto

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=PBXeEe4KURM>, em 14h37 minutos da entrevista.

⁷ http://www.celsobarbieri.co.uk/barbieri/memorias/politica/luis_carlos_prestes/3_exilio_conversao_ao_marxismo.htm (Ver título).

⁸ <http://laboratoriodialetico.blogspot.com.br/2012/10/lukacs-comuna-hungara-e-o-marxismo.html> (Ver início do texto).

⁹ <http://www.marxists.org/portugues/ilienkov/1965/mes/ponto.htm>

chamado *Do ponto de vista marxista-leninista*, relaciona a “apropriação” das ideias marxista-leninistas por um militante comunista à ideia de conversão. Para ele, uma conversão ao marxismo seria “uma ‘consciência’ teórica verdadeira do movimento todo”. Ainda acrescenta que leituras como o *Manuscritos de 1844* de Karl Marx tem um papel preponderante nessa conversão. Depois de muitos argumentos em prol da causa proletária, Ilienkov (1965) afirma:

A partir deste ponto de vista, a questão de construir uma sociedade comunista equivale à conversão de cada sujeito de um profissional unilateral – de um escravo do sistema de divisão de trabalho – em uma personalidade global, um mestre (proprietário) real da cultura material e espiritual criada por toda a humanidade.¹⁰

No artigo denominado *Após o dilúvio. Introdução ao pós-marxismo*, Ludolfo Paramio (1989) tenta mostrar, usando a teoria dos paradigmas de Thomas Kuhn, que há um novo paradigma de marxismo. Mas, aproveitando o argumento, ele afirma: “uma mudança de paradigma, como se sabe, é alguma coisa comparável a uma conversão religiosa” (PARAMIO, 1989, p. 147). Assim, a adesão ao marxismo seria uma conversão, enquanto mudança de paradigma no que concerne à cosmovisão individual.

Em uma resenha da obra *História do Marxismo no Brasil – Volume 5: partidos e organizações dos anos 20 aos 60*, Antonio Ozaí Silva (2002) aborda os marxistas brasileiros da primeira metade do século XX como militantes libertários (anarquistas) convertidos ao “bolchevismo” por influência da revolução russa. Da mesma forma que Ilienkov (1965), Silva (2002) fala da “tentativa de converter as consciências e conquistar novos quadros”¹¹ no cenário comunista brasileiro. Anos mais tarde, criticando o que acredita ser uma fé cega de certos militantes, o mesmo Antonio Silva (2013) afirma em seu blog: “o marxismo religioso pressupõe mais do que adesão, exige a conversão, ou seja, a introjeção acrítica da ideologia à maneira religiosa”¹².

Dessa forma, tento agora uma sistematização de como o termo é usado até o momento. Normalmente escrito por marxistas, sendo então um termo *nativo* ou *ênico*, as palavras conversão ou convertido aparecem na literatura que aborda a tradição marxista de duas formas básicas: 1) sinônimo de entrada ou adesão à forma de pensar e à militância marxista, podendo estar conectado a noção hegeliana e marxista de tomada de consciência (mudança de paradigma, para melhor na concepção marxista); 2) acusação de certo exagero ou fé cega que um militante e/ou intelectual

¹⁰ <http://www.marxists.org/portugues/ilienkov/1965/mes/ponto.htm>

¹¹ O termo “quadro” significa militantes de grande importância, seja por serem intelectuais ou por serem fortes lideranças, ou até ambos.

¹² <http://antoniozai.wordpress.com/2013/08/10/marxismo-ideologia-e-religiao/>

tenha em relação ao marxismo, em oposição a uma postura “científica” e “racional” que se espera. Assim, uma primeira forma de conversão ao marxismo do ponto de vista dos próprios marxistas tem um aspecto otimista e evolutivo. Por outro lado, há outra significação de que carrega um tom pejorativo, que estaria ligado a formas religiosas de consciência na perspectiva destes autores. O que indica também, nesse último caso, uma concepção de desconfiança sobre a(s) religião(ões).

Conversão: o ponto de vista da psicologia social

Saindo de visão interna ao marxismo, vejamos agora a discussão *ética* sobre a noção de conversão, vista, sobretudo, pela ótica de estudiosos das religiões. A socióloga Danielle Hervieu-Léger (2008), em seu estudo sobre trajetória pessoal religiosa do ator social, nota que em todos os casos de conversão religiosa esse processo marca a entrada em um “regime forte” de pertença religiosa, em oposição a um “regime frágil” de vivência religiosa. É exatamente pelo critério da “força” ou profundidade psicossocial em que um ator social entra numa tradição religiosa que a Psicologia Social diferencia adesão de conversão.

Segundo Licide Ribeiro (2013, p. 145), a adesão religiosa a um movimento religioso não implica modificações sistemáticas do modo de vida, já a conversão envolve mudanças na visão de mundo e na consciência da plausibilidade encontrada no novo sistema. No mesmo sentido, Edênio Valle (2013, p. 19) afirma que a conversão é uma atitude em que uma pessoa se compromete com uma nova religião (ou reafirma sua antiga) de forma que seus valores e referências são abalados.

Apesar do valor que a noção de conversão psicossociológica tem, é necessário fazer algumas ressalvas quanto ao seu uso. Primeiro, Valle (2013, p. 32) nota que os primeiros psicólogos que usaram essa noção estavam em ambiente predominantemente cristão e tinham em mente o mito cristão da conversão súbita de Paulo de Tarso, narrativa que não pode ser universalizada (p. 36). Hoje parece consensual que as conversões são um processo gradual e lento e ocorrem em diferentes níveis de profundidade (ÁVILA, 2007; GOMES, 2013; RAMBO, FARHADIAN, 2005). Bem como dependem muito mais de ligações sociais do que de “crer” em doutrinas. O que está em jogo é a entrada em uma comunidade (STARK, 2006).

Mais recentemente tem surgido também uma discussão sobre *desconversão*, ou seja, o processo também gradual de afastamento da religião até então aderida. A conversão e a desconversão, muitas vezes, são dois lados de um mesmo processo. E, sobre desconversão, é importante distinguir crença religiosa de participação religiosa (HOOD JR, CHEN, 2013). Um ator

social pode ser convicto da sua fé, mas não frequentar templos, assim como pode haver desconvertidos que, por motivos sociais, mantêm frequência em atividades religiosas.

Acrescento também a discussão do cientista político Matti Hyvärinen (1997). Este autor insistiu na importância da biografia pessoal de cada ator social para compreensão das suas próprias posturas políticas. Sua argumentação pode ser resumida da seguinte forma: “a ação política inclui sempre um aspecto revelador, confessional ou não, que estabelece uma relação íntima entre a ação e as histórias contadas pelos atores”¹³ (HYVÄRINEN, 1997, p. 18, tradução minha); segundo, as identidades políticas são construídas a partir de narrativas e buscam certa coerência interna. Em concordância com o autor citado, acreditamos que a biografia pessoal de um ator social é muito relevante para compreender sua identidade, seja em termos gerais ou em termos políticos e religiosos.

Blogs e outras expressões marxistas em *websites*: relatos de conversão

Agora, a partir de narrativas pessoais em blogs de marxistas brasileiros, aplicarei as chaves de leitura indicadas no tópico anterior: adesão, conversão e biografia pessoal. Com tais chaves vou interpretar narrativas pessoais desses blogueiros marxistas buscando compreender se houve, ou não, uma conversão ao marxismo ou simplesmente uma adesão, bem como, quais fatores levam esses atores sociais à entrada nesse universo cultural.

Importante ressaltar que, o foco em marxistas de um país que não tem essa corrente política como ideologia oficial do Estado, logo, de uma minoria social, pode revelar elementos não antes percebidos pelas leituras macrosociais do marxismo como religião secular. Nesse sentido, problematizamos: já vimos que há fortes elementos de *fé* na cultura marxista, mas como ocorre a passagem de um ator social para essa fé? Essa passagem ou entrada no sistema cultural marxista pode ser lida como *conversão* – a partir do conceito psicossociológico de conversão religiosa?

A partir do *website* “Google”, realizei em 21/05/2014 buscas na internet com os termos “conversão marxista”, “conversão ao marxismo”, “adesão ao marxismo” e “adesão marxismo”. Diante da avalanche de informações – “aproximadamente 446.000 resultados” segundo o *Google*, somente para o termo “conversão marxista” – selecionamos apenas os sete primeiros *relatos*

¹³ No original: “political action always includes a revelatory aspect, confessional or not, which establishes an intimate relationship between the action and the stories told by the actors”.

peçoais encontrados na busca. Acrescentamos uma busca posterior, em 14/10/2014, quando encontramos o perfil da rede social *facebook* “Camarada Comunista”, indagando porque seus seguidores eram marxistas. Vamos então, a cada um dos blogueiros.

O blogueiro Rafael Benedito de Souza, em seu blog “Contestação Social”, escreveu um texto de título “Por que sou comunista?”¹⁴ em 4/7/2010. Em suma, ele fez uma defesa intelectual do marxismo e atacou a exploração e competição social que viria do capitalismo. Colocou sua posição como algo que vai de encontro com sua “consciência”. Num sentido próximo, a blogueira Aninha postou em seu blog homônimo em 29/10/2013 um texto de autoria de Rafael Patto, denominado “Sim, eu sou marxista”¹⁵. O texto apresentava dois argumentos centrais: primeiro, dizia que não ser marxista numa situação de opressão, como a de hoje, é covardia; complementarmente, afirmava que Marx está mais vivo que nunca, e deve ser usado para a luta social. Apesar de não haver informações diretas sobre filiações partidárias ou de algum movimento social por parte dos autores dos textos, é notável a defesa da figura e das teses de Marx, em um viés de defesa de um discurso institucionalizado marxista, por parte de ambos os textos. Havia neles poucos elementos realmente pessoais, além de um discurso que claramente internalizou uma visão oficial do marxismo, impossibilitando maiores análises.

Estes foram o *tipo 1* de marxistas. Há, por outro lado, três textos que já apresentam elementos mais pessoais e afetivos. Vejamos mais de perto.

O blog “Para Mudar o Mundo...” da blogueira Ellen, demonstra ter ligações com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), já que deixa um link já no início da página direcionando para o site “vermelho”¹⁶, o site oficial deste partido. Em um texto datado de 21/01/2011, “Não ter vergonha de dizer: sou comunista!”¹⁷, ela afirma que se apaixonou pelo comunismo, tendo uma forte atração por essa tradição. Nesse sentido, afirmou: “Saber que tem gente que luta para construir um mundo mais justo, onde todos tenham igualdade de oportunidade, onde não exista miséria... foi incrível”. Assim, demonstrou certa esperança de justiça social, bem como se posicionou contra explorações e injustiças do capitalismo, assim como os dois primeiros blogs citados. Mas, diferentemente destes últimos admitiu já ter sentido algum receio de se afirmar como comunista, mas usou seu próprio exemplo para defender a autoafirmação pública “sou comunista”.

¹⁴ <http://contestacaosocial.blogspot.com.br/2010/07/por-que-sou-comunista.html>

¹⁵ <http://anamariaornellas.blogspot.com.br/2013/10/sim-eu-sou-marxista.html>

¹⁶ <http://www.vermelho.org.br/>

¹⁷ <http://paramudaromundo-ellen.blogspot.com.br/2011/05/nao-ter-vergonha-de-dizer-sou-comunista.html>

No blog “Aurora”, encontra-se um texto de autoria de José Miguel da Silva com o título “Por que sou socialista?”¹⁸ de 16/05/2011. Este texto apresenta um interessante argumento: critica a necessidade de racionalização usado do pensamento de Fernando Pessoa e busca explicar seus sentimentos socialistas. Em tom peculiarmente inatista, ele afirma: “Porque sou socialista? Talvez seja por uma causa utópica, mas a verdade é que comungo os princípios do Partido Socialista. Sinto-me vocacionado para a defesa dos direitos sociais”. Percebam a presença da crença utópica otimista, do reconhecimento dos partidos, e da noção de *vocação*. E continua: “motivado pela busca de ‘uma sociedade mais livre, mais justa, mais solidária, mais pacífica’ tradicionalmente humanista, lutando contra todas as formas de injustiça e discriminação”. Nesse ponto, se alinhou com todos os textos mostrados acima.

Aparentemente escrito por outra pessoa, encontrei um texto homônimo, mas com outra autoria: Luiz Henrique Ortiz Ortiz, no blog “Informa Luta” em 23/08/2012. Quando lido com atenção, percebe-se que se trata do mesmo texto, com leves alterações. Apontamos, no entanto, que se alguém repetiu praticamente as mesmas palavras em outro blog, provavelmente é por que concorda e *sente* o mesmo que José Miguel da Silva escreveu. Estes últimos três textos apresentam um elemento novo, além do posicionamento de luta contra a exploração capitalista visto no *tipo 1* de marxistas. Há, aqui, um reconhecimento afetivo com a tradição e valores marxistas, mais do que defesa intelectual(izada). Isso marca o *tipo 2* de marxistas.

Já o blogueiro Glauber Ataide, que produz o blog “Perfeição”, se afirmou como utópico e comunista, em sua postagem “Sobre o Blog”¹⁹ de 21/6/2008. Disse: “todo aquele que tem uma cosmovisão tem uma utopia” e, “como comunista, minha utopia, [é] uma sociedade sem classes e sem exploração do homem pelo homem”. Aqui, apresentou uma posição próxima do *tipo 1*, ainda que com menos vigor intelectualista. Contudo, em uma postagem provavelmente deletada – pois não está mais disponível hoje – de 24/2/2011, denominada “Como conheci Marx e me tornei comunista”²⁰, este blogueiro relatou que conheceu o marxismo através do *Manifesto Comunista*. Segundo ele, este livro lhe foi emprestado pela sua professora de história. Com o passar dos anos, começou a se afastar de outros grupos e posições sociais, como igrejas cristãs, foi militante do

¹⁸ <http://auroradoporito.wordpress.com/2011/05/16/porque-sou-socialista/>

¹⁹ <http://glauberataide.blogspot.com.br/2008/06/sobre-o-blog.html>

²⁰ Apesar do link não mais ser encontrado, na primeira oportunidade que tive de ler o artigo o copiei integralmente em formato pdf. O antigo link era: <http://galuberataide.blogspot.com.br/2011/02/como-conheci-marx-e-me-tornei-comunista.html>.

PCdoB e atualmente – no tempo da postagem – seria militante do Partido Comunista Revolucionário – PCR em Minas Gerais. Na sua visão, o marxismo seria um “divisor de águas” em sua vida. Com essas formulações adicionais vemos um *tipo 3* de marxistas, atores sociais que aderem de forma *homeopática* ou gradual ao marxismo, mas de uma maneira que marca profundamente suas vidas.

O último auto relato que mostraremos é o caso da Miriam Macedo, que deu um depoimento no *site* da editora católica Cleofas²¹, postado em 13/12/2011, com o título “Mensagem de conversão da ex-marxista Miriam Macedo”. Como o próprio título indica, trata-se de um relato de *saída* do marxismo, mas, por isso mesmo, antes ela teve que explicar como foi sua adesão ao marxismo, o que nos interessa.

De modo geral, ela afirmou ter se envolvido com o marxismo sem muita consciência do que estava fazendo. Segundo sua narrativa, ela tinha, predominantemente, uma visão de mundo marxista, que seria própria do seu tempo e ambiente universitário de Brasília da década de 1970. Disse que após ser presa descobriu que “era militante e integrava uma célula da Ação Popular Marxista-Leninista do PC do B, linha maoísta, o mesmo pessoal que fazia a Guerrilha do Araguaia, a turma de José Genoíno e de Honestino Guimarães, da UNE”. Neste contexto, “Marx explicava tudo”, lia textos do “grupo marxista alemão Krisis”, ou seja, vivia um ambiente cultural marxista. Após várias crises observadas no movimento marxista, ocorreu um “desencanto com o marxismo”, que ocorre “naturalmente”, ao observar a dificuldade de se colocar em prática as teses marxistas.

Neste último relato observa-se uma visão do marxismo como uma grande narrativa, uma estrutura mítica ou cosmovisão geral de que alguns jovens se nutriam. Da mesma forma, houve uma negação póstuma do marxismo e um retorno às origens culturais católicas. Este também parece se encaixar o *tipo 3* de marxistas, onde há uma entrada gradual, porém intensa, na cultura marxista. Acrescenta-se, no entanto, a noção também aplicável ao blogueiro anterior – Glauber Ataíde –, de que o marxismo serve de base para a cosmovisão geral do ator social, sendo também presente enquanto ambiente sociocultural para estes.

Estes foram todos os relatos que encontrei. Contudo, pequenas e sucintas descrições encontradas no *website* “facebook” podem complementar nossa apreciação das adesões ao marxismo. O perfil “Camarada Comunista”, em 8/12/2013, postou a seguinte pergunta em seu perfil público: “Boa noite Camaradas, de onde vocês são, como e em que idade vocês conheceram

²¹ <http://cleofas.com.br/mensagem-de-conversao-da-ex-marxista-miriam-macedo/>

o marxismo?”²². A pergunta teve 12 curtidas e 19 comentários. Como caracterização geral das respostas, observamos que muitos diziam que conheceram o marxismo pelos pais ou pela educação formal (escola ou universidade), tal como descrito no *tipo 3*. Quase todos se afirmavam marxistas de forma expressiva, de modo semelhante ao *tipo 1*, acrescentando que, em frases curtas, houve vários comentários afirmando que o marxismo mudou sua vida, e/ou sua forma de ver a vida. Isso pode ser notado em frases como “Não consigo mais pensar minha vida sem me valer das teorias do velho alemão” (Jadson Rodrigues, 8/12/2013), ou sou “socialista nato” (Eusou OMike, e Eliel Veiga, ambos em 8/12/2013).

Sistematização, discussão e hipóteses explicativas

Primeiramente, é interessante fazer uma sistematização da tipologia encontrada nos relatos *online* que expus. Observo três tipos de expressão de autodeclaração marxista a partir das fontes citadas, tipos estes que podem se misturar.

Tipo 1 → *defesa racionalizada do marxismo e contra o capitalismo*, demonstrando uma forte internalização da cosmovisão marxista nos atores sociais, mas não há expressões emocionais ou efetivas explícitas, além de certo ódio a “exploração capitalista” e um amor ou apego ao comunismo;

Tipo 2 → assim como o primeiro tipo, afirma-se a luta contra o capitalismo e suas mazelas, e a defesa da tradição marxista como *redentora* desse *mal*; mas não se limita a isso, demonstrando forte *reconhecimento afetivo com a tradição e valores marxistas*; também encontramos certa noção inatista e otimista de que teria algo interno a algumas pessoas que os fazem ser contra as “injustiças sociais” e serem naturalmente utópicos.

Tipo 3 → os atores sociais declaram ter ocorrido uma adesão gradual, que denomino como uma *adesão homeopática* ao marxismo; essa adesão acontece de uma maneira que marca profundamente suas vidas; nos relatos é perceptível que o ambiente sociocultural os convida para a entrada na cultura marxista, e, também por isso, o marxismo serve de base para a cosmovisão geral do ator social. Esse tipo pode incluir processos de desconversão à religiões após a adesão ao marxismo.

Partindo dessa tipologia é possível observar que, nos três tipos, há uma clara internalização de ideias marxistas. No último tipo é identificável, inclusive, um quadro mais geral de significado – cosmovisão – de fundo marxista em que a pessoa lê e constrói sua realidade. Contudo, é somente com os *tipos 2 e 3* de marxistas que observamos uma identificação afetiva com a tradição, e uma adesão mais profunda na tradição, envolvendo não só uma defesa racional, mas também um *laço*

²² <https://pt-br.facebook.com/CamaradaComunista/posts/414871531975329>

afetivo/emocional com a tradição. Apesar de só ter sido explicitado nos atores sociais do *tipo 3*, acredito que todos tiveram uma adesão gradual ao marxismo. Não é sem motivos que os partidos marxistas, incluindo os brasileiros, fizeram escolas e cursos de formação (ALMEIDA, 1983).

Os dados empíricos e as chaves de interpretação ainda se mostram modestos para qualquer conclusão. Entretanto, é possível sugerir que o que a Psicologia Social e alguns sociólogos chamam de *conversão religiosa* pode sim ocorrer com marxistas. Ou seja, atores sociais que *aderem* ao marxismo podem enfrentar mudanças de regime forte em sua vida, podem alterar sistematicamente sua forma de ver o mundo, bem como, pode nascer uma atitude de forte comprometimento com a nova tradição – no caso, o marxismo. A partir dos relatos só podemos conferir a existência desse último fator (o forte comprometimento), mas também apenas relativamente, já que não acompanhamos diariamente estes atores sociais. Quanto aos dois primeiros fatores para haver uma conversão religiosa, é preciso maiores detalhes da vida destes marxistas.

Por outro lado, não sendo o marxismo propriamente uma religião, mas apenas funcionando como uma e tendo alguns elementos religiosos dispersos em sua cosmovisão, não poderíamos esperar que ocorresse uma conversão religiosa exatamente como ocorre em religiões como tal.

Apesar da nossa situação acanhada, tomamos a liberdade de formular algumas hipóteses, baseados em nossa fundamentação teórica e o resultado da análise dos relatos de marxistas em *websites*. No momento, o que apontamos é que, utópico ou científico, (1) são os elementos metaempíricos – certo messianismo e soteriologia social, e um otimismo em um senso de justiça social inato que demandam uma fé – são fatores relevantes para a conversão do ator social ao socialismo. Ou seja, tais elementos motivam um ator social a se autodenominar socialista, a defender essas causas, e ajudam a ter uma atitude social distinta baseada numa cultura marxista (sem excluir outras formas de cosmovisão e sociabilidade que um mesmo ator social possa nutrir). Isso significa que, mesmo tendo uma série de elementos racionalistas iluministas e que seus membros se esforcem por o apresentarem como científico, (2) o que mantêm uma forte atratividade ao marxismo é justamente seus elementos não verificáveis empiricamente: fé em um mundo mais justo socialmente e o fim das “opressões” ao “espírito humano”. Chamo atenção para que as hipóteses expressas aqui devam ser testadas postumamente em estudos empíricos com grupos e pessoas marxistas.

Espero que com este texto possa fornecer bases – ou, pelo menos, inspiração – para futuras pesquisas sobre essa cultura tão presente no Brasil, a cultura marxista. Essa tradição se revela de

muitas maneiras por aqui: presença de partidos comunistas há quase um século, influência das ideias socialistas na história política brasileira, crescimento e participação social dos movimentos sociais, entre outras formas. Destarte, é preciso estudar melhor tal cultura, não como ela deve ser idealmente, nem como um perigo político, mas sim, tentando compreender a rede de significados e práticas socioculturais criadas por atores sociais marxistas.

Referências

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. As bibliotecas marxistas e as escolas de partido. In: *Religião e Sociedade*, n. 9, Rio de Janeiro: ISER, 1983, pp. 35-46.
- APOLLONI, Rodrigo Wolff e CHIANG, Chang Yuan. Símbolos arcaicos, mágicos e religiosos em um cartaz da revolução cultural chinesa. In: *REVER – Revista de Estudos da Religião*, ano 11, n. 2. São Paulo: Paulinas, 2011, pp. 195- 220.
- ÁVILA, Antonio. *Para conhecer a psicologia da religião*. Tradução Maria José Rosado Nunes e Thiago Ghambi. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BAILEY, Edward. Implicit Religion. In: CLARKE, Peter (org.). *The Oxford handbook of the sociology of religion*. Oxford: OUP, 2009, pp. 801-816.
- BENTHALL, Jonathan. *Returning to Religion: Why a Secular Age is Haunted by Faith*. London, New York: I. B. Tauris, 2008.
- BULLIVANT, Stephen. Defining ‘atheism’. In: BULLIVANT, Stephen; RUSE, Michael (eds.). *The Oxford handbook of atheism*. Oxford University Press: Oxford, 2013, pp. 11-21.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Imaginário, Símbolos e Rituais nos Movimentos Organizações Comunistas: por uma Antropologia Interpretativa da Esquerda. Em: *Religião e Sociedade*, vol. 19/1, Rio de Janeiro: ISER, 1998, pp. 29-57.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GINER, Salvador. Religion Civil. *REIS – Revista española de investigaciones sociológicas*, nº61, 1993, pp. 23-55.
- GOMES, Antonio Maspoli de Araujo (org). *Psicologia Social da Conversão Religiosa*. São Paulo: Editora Reflexão, 2013.
- GREIL, Arthur. Secular Religions. In: BALTES, Paul B. and SMELSER, Neil J. (eds.). *The International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. Amsterdam: Elsevier, 1996. pp. 13.783-13.787
- HANNIGAN, John A. Apples and oranges or varieties of the same fruit? The New Religious Movements and the New Social Movements compared. *Review of Religious Reserch*, vol. 31, no. 3, 1990, pp. 246-258.
- HORACIO, Heiberle Hirsberg. Religião Civil e Religião Secular: a religião como política e a política como religião. *Anais do XII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de [revista Último Andar (ISSN 1980-8305), n. 27, 2016]*

- História das Religiões*, vol. 12, 2011. Disponível em <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/263>. Ac. em 14/10/2014.
- HYVÄRINEM, Matti. Rhetoric and conversion in student politics: Looking backward. In: CARVER, Tarrell and HYVÄRINEM, Matti. *Interpreting the political: new methodologies*. London: Routledge, 1997, pp. 18-38.
- NESTI, Arnaldo. Implicit Religion. In: JONES, Lindsay (ed.). *Encyclopedia of Religion* 2nd ed. New York, USA: MacMillan Reference, 2005, pp. 4400-4402.
- PARAMIO, Ludolfo. Após o dilúvio. Introdução ao pós-marxismo. In: *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, nº16, São Paulo: 1989, pp. 123-152.
- POCESKI, Mario. *Introdução às religiões chinesas*. Tradução Márcia Epstein. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- RAMBO, Lewis R., FARHADIAN, Charles E. CONVERSION. In JONES, Lindsay (ed.). *Encyclopedia of Religion* 2nd ed. [ebook]. New York, USA: MacMillan Reference, 2005, pp. 1969-1974.
- RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. Islamismo: nem conversão, nem adesão. Reversão! In: GOMES, Antonio Maspoli de Araujo. *Psicologia Social da Conversão Religiosa*. São Paulo: Editora Reflexão, 2013, pp. 145-169.
- S/ autor. Editorial: O Marxismo como um sistema de crenças. In: *Religião e Sociedade*, nº9, Rio de Janeiro: ISER, 1983, pp. 1-2.
- SILVA, Antonio Ozaí. História do Marxismo no Brasil – Volume 5: partidos e organizações dos anos 20 aos 60 (RESENHA). *Revista Espaço Acadêmico*, ano II, nº 16, 2002. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/016/16res_marxismo.htm. Ac. em 15/05/2014.
- SILVA, Josué Pereira da. *André Gorz: trabalho e política*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.
- SIRONNEAU, Jean-Pierre. Retorno do Mito e Imaginário Sócio-político e Organizacional. *Revista da Faculdade de Educação*, 11 (1/2), 1985, pp. 243-273.
- STARK, Rodney. Why Religious Movements Succeed or Fail: A Revised General Model. In: DAWSON, Lorne L. *Cults and new religious movements: a reader*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2003, pp. 259-270.
- STARK, Rodney. *O Crescimento do Cristianismo: Um Sociólogo Reconsidera a História*. Tradução Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2006.
- THOMPSON, Peter. Marxism. In: BULLIVANT, Stephen; RUSE, Michael (eds.). *The Oxford handbook of atheism*. Oxford University Press: Oxford, 2013, pp. 293-306
- VALLE, Edênio. Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa. *Revista de Estudos da Religião*, Nº 2, 2002, pp. 51-73. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv2_2002/p_valle.pdf. Ac. em 20/03/2014.
- VALLE, Edênio. Conversão e Pertença: um conceito psicológico clássico ainda em aberto. In: GOMES, Antonio Maspoli de Araujo. *Psicologia Social da Conversão Religiosa*. São Paulo: Editora Reflexão, 2013, pp. 17-49.
- WILGES, Irineu. *Cultura religiosa: As religiões do mundo*. Petrópolis: Vozes